



ASSIS, J. M. Machado de. *Badaladas Dr. Semana*. Organização, apresentação, notas e índice onomástico por Sílvia Maria Azevedo. São Paulo: Nankin, 2019. 2 t.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.

Alvaro Santos Simões Junior

Universidade Estadual Paulista – Campus Assis, Assis, São Paulo / Brasil

alvaro.simoies@unesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-5269-7108>

Em texto de palestra que já conta 52 anos, Antonio Candido apontou como diferencial da obra dos “grandes escritores” a “polivalência do verbo literário”, a qual propicia a “cada grupo e cada época” nela encontrar satisfação para suas “obsessões” e “necessidades de expressão” (CANDIDO, 1977, p. 18). Essa generalização era formulada como preâmbulo para que o crítico pudesse tratar, diante de uma plateia de norte-americanos, dos diferentes aspectos de Machado de Assis descobertos por “sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros” (CANDIDO, 1977, p. 18).

Como um dos clássicos da literatura de língua portuguesa, Machado de Assis segue, com efeito, fascinando e desafiando a perspicácia de leitores e críticos em todo o mundo. Algumas publicações recentes fazem pensar que “o Machado da atual geração” é o disciplinado, prolífico e fundamentalmente criativo colaborador da imprensa periódica.

A publicação machadiana recente mais notável é, sem dúvida, a recolha das crônicas intituladas *Badaladas*, originalmente publicadas na *Semana Ilustrada*, de 1869 a 1876, com a assinatura do Dr. Semana. Havia muito especulava-se sobre a autoria dessa série de crônicas e especialistas como Galante de Sousa e Raimundo Magalhães Jr. chegaram a considerar a possibilidade de Machado de Assis ser o responsável por ela. Sílvia

Maria Azevedo afastou as dúvidas, transcreveu os textos, atualizando a sua ortografia, e distribuiu-os pelas mais de 1.600 páginas de dois grandes volumes prudentemente acondicionados em uma caixa de proteção. O projeto editorial da editora Nankin, de São Paulo, é notável, entre outros aspectos, pela recuperação das ilustrações que acompanhavam originalmente as *Badaladas*, isto é, o clichê de abertura, em que, por detrás de um listel onde se via o título da seção, se colocavam as personagens Moleque, garoto negro, e Dr. Semana, empunhando uma sineta. Entre cada fragmento dos textos, reproduz-se, como se fazia no periódico, a sineta, inclinada ora para a esquerda, ora para a direita, de modo a indicar o seu uso. Cada ano de publicação é anunciado, no livro, por uma página marmorizada. Ao final de cada volume, encontra-se o índice onomástico correspondente aos anos nele enfeixados.

Sílvia Azevedo apurou a autoria das crônicas ao analisar marcas externas e internas. As externas dizem respeito à biografia do autor e ao restante de sua obra, que foi confrontado com as *Badaladas*. Quando às internas, são as encontradas nas próprias crônicas, tais como citações e determinados recursos estilísticos. A leitura contínua das *Badaladas* e o seu exame comprovaram terem sido escritas pelo mesmo autor. A repetição de temas, referências culturais e literárias e citações no restante da obra machadiana e a congruência da escrita das *Badaladas* com fatos biográficos comprovaram a autoria. Ao final de cada ano, apresentam-se tabelas com as marcas comprobatórias dessa autoria, crônica por crônica. No ensaio introdutório, Sílvia Azevedo aborda alguns dos temas privilegiados pelas *Badaladas*.

Com a garantia de que se tem nas mãos uma obra machadiana, reconhece-se o *humour*, a ironia, a surpreendente associação de ideias, o gosto pelo paradoxo, a erudição e principalmente o espírito crítico que costumamos atribuir a Machado de Assis. Assim como o romancista de *A mão e a luva*, Dr. Semana zomba de poetastros, denuncia a vacuidade de determinados discursadores, inclusive políticos, e vasculha os jornais da Corte, das províncias e até do exterior em busca de notícias e anúncios extravagantes sobre os quais pudesse exercitar a sua verve. Em se tratando de Machado, a quem se atribui o famoso *tédio à controvérsia*, espanta na série das *Badaladas* o modo corajoso e sempre vigilante por que se enfrentam os descaminhos e arbítrios de uma parte do clero, diligentemente defendida pelo jornal *O Apóstolo*. O ultramontanismo dessa publicação era

abertamente combatido pelo Dr. Semana, que se amparava em princípios etimologicamente *republicanos* e, em vários casos, *cristãos*, por paradoxal que pareça.

Assim como muitos contemporâneos, Machado de Assis provavelmente não valorizava todos os textos que publicava na imprensa por julgá-los efêmeros como os veículos que os acolhiam. Em algumas *Badaladas*, vislumbramos, com efeito, o esforço do cronista, profissional da imprensa periódica, por encontrar um assunto qualquer que pudesse ocupar as páginas cativas da *Semana Ilustrada*. É o caso, salvo melhor juízo, das “Escavações históricas por um Quidam”, nas quais se apontavam falsas origens históricas de determinados vocábulos. Eram empulhação, conscientemente escritas como empulhação, *graças à licença do humor*, e provavelmente apreciadas pelos contemporâneos como saborosa empulhação. No jornalismo, pratica-se até hoje uma arte da empulhação, que, no entanto, não está ao alcance de qualquer foliculário. Há, porém, nos dois volumes, páginas de grande interesse, como a crônica de 12 de julho de 1874, uma paródia do *Inferno*, identificada como “Canto suplementar ao poema de Dante pelo Dr. Semana” (ASSIS, 2019, v. 2, p. 327-331). Machado de Assis simplesmente acrescenta um novo círculo ao inferno, dedicado aos fâmulos (criados domésticos).

Outra publicação machadiana recente que atrai a atenção é um trabalho crítico que põe ênfase justamente no forte e continuado vínculo de Machado de Assis com a imprensa periódica. Trata-se de *Machado de Assis – antes do livro, o jornal*, de Lúcia Granja, obra integralmente disponível para *download* no site da editora Unesp.

Baseando-se em bibliografia recente, especialmente em trabalhos de Marie-Ève Thérenty, Allain Vaillant e Dominique Kalifa, Lúcia Granja parte do princípio de que há uma poética do jornal, isto é, o veículo, entendido como suporte material, condiciona a literatura nele produzida. Segundo Thérenty, a escrita jornalística resulta de duas matrizes distintas, a jornalística e a literária. Sendo muitos jornalistas do século XIX também escritores, levaram para o periódico cotidiano recursos literários como a ficcionalização, a ironia, ritmo e estrutura de conversação e escrita íntima (centrada no *eu* do escritor/jornalista). Os jornais, porém, também impunham quatro regras principais para a escrita, limitando o arbítrio de seus colaboradores: 1) a *periodicidade*, pois o exercício de escritura era

forçosamente renovado a intervalos regulares, ou seja, diários, semanários ou mensais, conforme a modalidade de periódico; 2) a *atualidade*, em virtude do compromisso do jornalismo com o tempo presente; 3) o *efeito-rubrica*, isto é, a necessidade do jornalista conformar-se a uma especialidade, recortando do mundo prioritariamente o que dissesse respeito à sua rubrica; 4) a *coletividade*, ou seja, o imperativo de ajustar-se a um trabalho de natureza coletiva e à interdependência das rubricas que compõem o mosaico do jornal. A combinação das duas matrizes no interior do jornal acabou por dar origem a gêneros jornalísticos modernos como crônica, reportagem, *fait-divers* e entrevista.

Na década de 1980, Marlyse Meyer já refletira sobre a importância do trabalho desenvolvido por escritores para o periodismo antes mesmo do nascimento de Machado de Assis:

Pode-se dizer [...] que traduzir *O folhetim*, traduzir *folhetins-variedades*, publicar *romance em folhetim*, e escrever *nos folhetins*,¹ constitui para os jovens brasileiros candidatos a escritores no primeiro terço do século XIX um verdadeiro laboratório, no sentido em que hoje se diz dos atores de teatro que *fazem laboratório*. E entre as experiências bem-sucedidas desse laboratório está a conquista de uma linguagem solta, de grande alacridade, que, se não elimina uma também cabocla impositação oratória, dá a certas partes do jornal um tom que sabe a frutinha brasileira, de pitanga ou araçá. (MEYER, 1985, p. 39).

O livro de Lúcia Granja aprofunda essa percepção geral ao examinar a possibilidade de que a peculiaridade ou “monstruosidade” de Machado de Assis resultasse de uma longa e completa imersão no jornalismo, tornada agora ainda mais evidente com o trabalho de Sílvia Azevedo, o qual nos mostra o romancista como ativo praticante do jornalismo em geral e da crônica em particular no período de 1869 a 1876. Levando-se em consideração o trabalho na *Semana Ilustrada*, pode-se dizer que o criador de Brás Cubas esteve quase ininterruptamente vinculado ao jornalismo por 36 anos, contados dos “Comentários da semana”, publicados a partir de 1861 no *Diário do Rio de Janeiro*, até “A Semana”, da *Gazeta de Notícias*, encerrada em 1897.

¹ Folhetins-variedades e folhetins *tout court* eram designações aplicáveis à crônica.

Segundo a tese apresentada por Lúcia Granja, forjou-se a escrita machadiana no exercício do jornalismo, mediante a exploração dos efeitos ambíguos da contiguidade e proximidade dos textos no mosaico do periódico e através do estabelecimento de diálogos com outros jornalistas de outros veículos. Assim como diretores de jornais mais lúcidos, Machado de Assis seria hábil em suscitar efeitos de polifonia e contraponto de seus textos com os alheios. As citações e referências eram sacadas de um pecúlio comum, às vezes representado pelos catálogos das livrarias em vigor. Nas crônicas, os fragmentos eram justapostos de forma arbitrária e segundo caprichosas e paradoxais associações de ideias do cronista, por vezes transformado em personagem como o Dr. Semana. As diferenças entre as versões publicadas de forma seriada e as publicadas em volumes, notáveis nos casos de narrativas como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, revelavam a apurada consciência, da parte de Machado de Assis, a respeito dos recursos e condicionamentos associados aos veículos e à materialidade de cada modalidade de produção editorial. Lúcia Granja assim resume como compreende a contribuição do periodismo para a formação de Machado de Assis:

Fixado aos periódicos por características do seu tempo, o escritor aproveitou as formas dos jornais e revistas (plasticidade da página, circulação entre os textos, escala entre a ficção e a referencialidade), assim como as adaptações brasileiras dadas à publicação periódica (maior elasticidade, coabitação de diferentes formas no mesmo espaço, modificações no corte do romance-folhetim, intensificações advindas da plasticidade) em sua própria criação literária, aludindo ou parodiando todas essas novidades. (GRANJA, 2018, p. 102).

A tese é pertinente e joga uma nova luz sobre o processo de formação do escritor Machado de Assis. De fato, parece muito adequado afirmar, graças à leitura das obras aqui resenhadas, que sua escrita não foi forjada no isolamento de uma torre de marfim, mas no ambiente dinâmico e nervoso das redações de periódicos, sempre atentas às dores do mundo e aos pensamentos e anseios dos contemporâneos. Caso se recordassem outros trabalhos das próprias Sílvia Azevedo e Lúcia Granja, os quais por sua vez se associavam aos de John Gledson e Sidney Chalhoub, entre outros, talvez fosse possível afirmar que, para pelo menos parte da geração atual, Machado de Assis foi, essencialmente, um infatigável, lúcido e originalíssimo colaborador da imprensa periódica, terreno fértil onde brotou parte significativa de sua obra.

Referências

ASSIS, J. M. Machado de. *Badaladas Dr. Semana*. Organização, apresentação, notas e índice onomástico por Sílvia Maria Azevedo. São Paulo: Nankin, 2019. 2 t.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 46, n. 1-4, p. 17-42, 1985.

Recebido em: 19 de março de 2020.

Aprovado em: 06 de julho de 2020.